



Rastros da língua materna na língua do outro em discursos de tradutores em formação: alguns gestos de identificação

Traces of mother tongue in the other's language in discourses of translators in training: some gestures of identification

Andressa Franco OLIVEIRA*

Maria Angélica DEÂNGELI**

RESUMO: Este artigo tem por objetivo investigar possíveis rastros da língua materna que subsistem na língua do outro e influenciam tradutores em formação a se identificarem com uma língua estrangeira. Para tanto, este texto utilizou parte de um *corpus* obtido com as respostas de ex-alunos do curso de Bacharelado em Letras com Habilitação de Tradutor, da Unesp, campus de São José do Rio Preto, a um questionário aplicado em pesquisa concluída recentemente. Levando em consideração uma abordagem discursivo-desconstrutivista (Coracini, 2019), este trabalho trata da questão da descendência, da proximidade, da familiaridade e da afetividade como elementos subjetivos que estão atrelados à tal identificação. A partir da análise desses elementos, depreende-se que a língua materna exerce certa influência no processo de identificação de sujeitos com uma língua estrangeira.

PALAVRAS-CHAVE: Língua materna-estrangeira. Rastros. Identificação. Tradutor(a).

ABSTRACT: This article examines possible traces of the mother tongue that remain in the language of the other and influence translators in training to identify with a foreign language. For this purpose, we analyzed a sample of questionnaire responses by students from the undergraduate Language and Literature with emphasis on Translation course at São Paulo State University in São José do Rio Preto. Considering a discursive-deconstructivist approach (Coracini, 2019), this study discusses issues of descent, proximity, familiarity, and affection as subjective elements associated with identification. The analysis indicated the mother tongue influences the process of identification with a foreign language.

KEYWORDS: Mother/foreign language. Traces. Identification. Translator.

Artigo recebido em: 27.07.2023

Artigo aprovado em: 29.08.2023

* Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos do Ibilce/Unesp. andressa.f.oliveira@unesp.br

** Doutora em Letras pela Unesp. Professora de francês do Departamento de Letras Modernas, Ibilce/Unesp. angelica.deangeli@unesp.br

*Não sinto o mesmo gosto nas palavras:
oiseau e pássaro.
Embora elas tenham o mesmo sentido.
Será pelo gosto que vem de mãe? de língua mãe?
Seria porque eu não tenha amor pela língua
de Flaubert?
Mas eu tenho.
[...]
(Manoel de Barros)*

1 Introdução

Atualmente, o debate sobre a questão identitária tem ganhado crescente espaço, tanto no âmbito do senso comum – no qual os temas em diálogo tendem a tratar de identidade como sinônimo de personalidade, identidade de gênero, origem étnica ou até mesmo identificação pessoal, associando tais concepções a pré-conceitos propagados por meio de estereótipos e valores morais – quanto no campo acadêmico. Dentre os pontos mais discutidos acerca desse tema está a problemática referente à identidade de um povo ou de uma nação, cujas discussões se tornaram ainda mais pertinentes em meio a guerras e disputas políticas que têm contribuído para a polarização dos países envolvidos. A iminente perda de um território, a necessidade de se exilar, a sensação de perder um símbolo de sua nação para um fenômeno político, o ódio ao outro são alguns dos fatores que põem em xeque o sentimento de pertencimento a uma nação e levam os sujeitos a questionarem a própria identidade (Cf. Bauman, 2005).

Outro fator que contribui para o questionamento identitário é a exigência de se falar outras línguas, diferentes da materna. Esse fenômeno ocorre em diversos contextos, tais como em situações de colonização, imigração e exílio. Além desses aspectos, a globalização também é responsável pelas discussões acerca da identidade, uma vez que o estreitamento de fronteiras entre diferentes países colabora para aumentar o número de pessoas que procuram aprender uma língua estrangeira; aprendizado que causa deslocamentos no sujeito. O conforto na/da língua materna pode ser abalado por vários motivos, como a dificuldade de aprender a língua do

outro, o estranhamento que ela pode provocar, o medo inconsciente de perder sua identidade, a frustração gerada pelo impasse estabelecido entre o desejo de atingir completude nessa língua outra e a impossibilidade de alcançá-la, dentre outros.

Um outro sujeito cujo ofício sempre exigiu o conhecimento de pelo menos uma língua estrangeira é o tradutor, que, eventualmente, no percurso de sua formação, pode se encontrar diante de um mal-estar causado pela língua do outro. Esse sentimento pode decorrer de uma certa estranheza e de um distanciamento que o sujeito toma em relação à língua estrangeira. Nesse caso, a língua dita materna pode vir a ocupar um lugar ilusório de estabilidade e segurança, provocando no sujeito a sensação de liberdade para dizer e se dizer na sua língua. Essa aparente estabilidade oferecida pelo materno pode estar relacionada a elementos que consciente ou inconscientemente fazem parte de nossa subjetividade, tais como a familiaridade e a afetividade. Dessa forma, somos levados a nos questionar acerca do papel da língua materna no processo de identificação dos sujeitos com uma língua estrangeira.

Tendo em vista as questões antes elencadas, neste artigo, investigaremos como a língua materna se faz presente na identificação de tradutores em formação com uma língua estrangeira, e quais identidades são atribuídas às línguas a partir de seus discursos. Examinaremos, portanto, a relação língua-identidade na subjetividade de tradutores em formação. Para tanto, em uma visada primeiramente teórica, faremos alguns apontamentos acerca da problemática identitária e de sua relação com questões de língua, discurso e psicanálise a partir de trabalhos de Bauman (2005), Coracini (2007), Revuz (1998), Gasparini (2010), e Da Rosa, Rondelli e Peixoto (2015).

Levando em consideração a fundamentação teórica e o contexto de formação de tradutores ao qual nos referimos, analisaremos, a partir de uma abordagem discursivo-desconstrutivista (Coracini, 2019), alguns discursos de ex-alunos do então curso de Bacharelado em Letras com Habilitação de Tradutor (Ibilce/Unesp) a respeito da língua estrangeira com a qual eles mais se identificam e as razões que motivam essa identificação. Tencionamos, assim, verificar quais são os rastros da língua materna na

língua do outro e de que modo eles atuam na identificação dos sujeitos com uma língua estrangeira.

2 Pressupostos teóricos

A problemática identitária tem sido tema de discussão em diversas áreas do saber, percorrendo desde o campo da Sociologia e da Filosofia até o domínio da Literatura e da Linguística. Um dos teóricos que se debruçou sobre essas questões foi o sociólogo Zygmunt Bauman. Na obra **Identidade** (2005), Bauman relata sua própria relação com a questão da identidade e a aproxima da noção de pertencimento. Conforme afirma o autor, ao perder a cidadania polonesa e o direito de lecionar em seu próprio país, ele se exilou na Grã-Bretanha, onde recebeu o título de doutor *honoris causa*. Entretanto, para ser homenageado, era necessário que Bauman elege-se um hino nacional a ser tocado durante a cerimônia. Ao receber essa solicitação, o teórico se questionou sobre os limites e significados de seu pertencimento e de suas possíveis identidades, pois ao mesmo tempo em que havia perdido sua cidadania polonesa, motivo pelo qual ele não poderia optar pelo hino nacional polonês, o autor também se sentia estrangeiro na Grã-Bretanha. Bauman decidiu então que tocassem o hino da Europa.

A respeito desse relato, ele complementa:

Tornamo-nos conscientes de que o “pertencimento” e a “identidade” não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age – e a determinação de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o “pertencimento” quanto para a “identidade”. Em outras palavras, a ideia de “ter uma identidade” não vai ocorrer às pessoas enquanto o “pertencimento” continuar sendo o seu destino, uma condição sem alternativa. Só começarão a ter essa ideia na forma de uma tarefa a ser realizada, e realizada vezes e vezes sem conta, e não de uma só tacada (Bauman, 2005, p. 17-18).

Para provar a fragilidade dos conceitos de pertencimento e identidade, Bauman recorre a um fenômeno que tem gerado instabilidade nas nações, nos mercados, nas culturas e nos povos: a globalização. De acordo com o sociólogo, a globalização, também denominada modernidade líquida, abalou as instituições e transformou a solidez e estabilidade de outrora em liquidez e vulnerabilidade.

Além de discorrer a respeito do atual mundo líquido moderno e das mudanças decorrentes dele, o autor trata de um outro fator que também contribuiu para a crise identitária: a constante exposição dos sujeitos a múltiplas “comunidades de idéias e princípios” (p. 19). Ora, estando expostos a tais comunidades, esbarramos em diversas identidades que, quando confrontadas, podem provocar em nós um certo desconforto, uma sensação de incompletude e deslocamento, como descreve o teórico.

Para tratar dessa questão, partiremos de um ponto de vista pós-moderno¹, que considera a identidade como um elemento que sofre transformações de acordo com o tempo, as mudanças ideológicas, socioculturais, as questões psíquicas e subjetivas às quais somos expostos, entre outros. Nesse contexto, a identidade não é algo inerente ao sujeito, uma característica que lhe é dada de antemão; ao contrário, ela se forma e transforma a partir do olhar do outro.

O outro também está presente em nossa constituição identitária mediante as identificações que estabelecemos com a língua que falamos, seja ela materna ou estrangeira. Na obra **A celebração do outro** (2007), Coracini traz considerações significativas para tratar da diferença entre língua materna e estrangeira. De acordo com a autora, o modo como lidamos com a(s) língua(s) é consequência das relações que mantemos ou não com ela(s). Nessa perspectiva, os sentimentos de estabilidade

¹ Neste trabalho, tomamos o conceito de pós-modernidade, tal como cunhado pelo filósofo francês Jean-François Lyotard (1979), enquanto pensamento que questiona as metanarrativas (iluminismo, idealismo e marxismo) e as visões totalizantes e absolutistas da história. Assim, a pós-modernidade pode ser entendida como um conjunto de mudanças culturais, sociais e filosóficas que abalou a noção de verdade absoluta, a crença numa realidade objetiva, a estabilidade das identidades, enfim, as normas e os valores tradicionais da sociedade, reconhecendo a necessidade do tratamento da prática da diferença. A desconstrução de tais dogmas se deve à expansão do pós-colonialismo e dos movimentos feministas.

ou completude, que normalmente se vinculam à língua materna, e a sensação de estranheza ou distanciamento, frequentemente associados ao conceito de língua estrangeira, são objetos de questionamento.

Contrariamente às ideias propagadas pelo senso comum – que compreendem a língua materna como um espaço de conforto e segurança e a língua estrangeira enquanto um lugar de desconforto e ameaça –, a autora elenca diversos exemplos nos quais a língua estrangeira ocupa o lugar do poder dizer, do poder expressar-se apesar de e graças à sua estranheza. Paralelamente, ela também relata casos em que o aprendizado da língua materna se torna um trauma, levando o sujeito a utilizar outra língua ou outra variante da própria língua materna para se exprimir.

Além de questionar as noções de língua materna e estrangeira difundidas pelo conhecimento popular, Coracini (2007) se opõe, com base em Derrida (1996), à polarização comumente feita entre elas. Para a autora, não há língua materna *versus* língua estrangeira, há língua materna-estrangeira, ou seja, toda língua pode ser ao mesmo tempo familiar e estranha, ou infamiliar, tal como sugere o termo alemão *Unheimliche*, proposto por Freud (1919/2021). A respeito disso, a pesquisadora afirma:

[...] toda língua é estrangeira, na medida em que provoca em nós estranhamentos, e toda língua é materna, na medida em que nela nos inscrevemos, em que ela se faz ninho, lar, lugar de repouso e de aconchego; ou melhor, toda língua é materna e estrangeira ao mesmo tempo [...] (Coracini, 2007, p. 48).

Ainda nessa mesma obra, Coracini (2007) trata da aprendizagem de língua estrangeira como um processo que vai muito além do que sugere o discurso publicitário. De acordo com a autora, esse processo atua na constituição identitária dos sujeitos aprendizes, modificando a percepção que temos de nós mesmos e do outro, pois ao aprender uma língua diferente, entramos em contato com as vozes do outro, sua cultura e formas de pensar e ver o mundo, que se diferem das nossas.

São essas distinções entre o eu e o outro que ora perturbam a aprendizagem de tal língua, visto que causam estranhamento e desconforto no sujeito aprendiz, ora se tornam tão atraentes para o sujeito a ponto de a língua estrangeira se transformar em objeto de desejo, desejo do outro ou desejo de ser o desejo do outro. Quanto a isso, a pesquisadora pontua:

Há fortes hipóteses que tentam explicar a resistência inconsciente ao aprendizado de uma língua estrangeira pelo medo de perda da identidade ou da perda de si que a outra língua pode implicar (Melman, *op. cit.*, p. 33), medo do estranho, do desconhecido, medo de questionar suas próprias crenças, seus hábitos, seu modo de se ver e de ver o mundo, de ver o outro, medo de tudo o que pode provocar deslocamentos ou mudanças... [...]

Os casos em que aprender uma língua estrangeira constitui uma forte atração para o sujeito podem ser explicados, de modo geral, como o desejo do outro, desse outro que nos constitui e cujo acesso nos é interdito, esse outro que viria, ainda que ilusoriamente, completar o um (Coracini, 2007, p. 153).

É também a respeito desses diferentes aprendizes de língua estrangeira que trata Christine Revuz (1998), em “A língua estrangeira entre o desejo de um outro lugar e o risco do exílio”. Nesse trabalho, a autora discorre acerca de elementos linguísticos e subjetivos oriundos da língua materna que subsistem na psique de adultos aprendendo uma língua estrangeira, e que podem conduzi-los ao fracasso na aprendizagem de tal língua. Nesse sentido, ela afirma que “[...] O encontro com a língua estrangeira faz vir à consciência alguma coisa do laço muito específico que mantemos com *nossa* língua. [...]” (p. 215, grifo da autora). Esse laço que conservamos com a língua materna revela, de acordo com a pesquisadora, uma afetividade que mantemos com nossa língua e que, muitas vezes, pode não ser percebida na língua do outro.

Revuz (1998) faz também referência a um certo incômodo causado pela língua estrangeira durante o processo de aprendizagem. Esse mal-estar pode estar atrelado ao fato de a segunda língua sempre questionar nossas crenças, nossa forma de ver o

mundo, enfim, tudo o que esteve inscrito em nossa mente até então. A língua estrangeira provoca nossas percepções e apresenta novas formas, formas outras de compreender a realidade. No entanto, a aprendizagem, dessa língua não separa a primeira da segunda, pois como propõe a pesquisadora, o sujeito carrega uma história com a língua materna que o acompanha enquanto aprendiz de língua estrangeira. Essa última, por sua vez, reforça a relação que o sujeito tem com aquela.

Para demonstrar como isso ocorre, Revuz (1998) nos conduz à observação de dois momentos durante a aprendizagem de uma língua estrangeira: o momento em que percebemos as diferenças fonéticas entre elas e o momento no qual nos damos conta das suas divergências de significação. Com relação ao primeiro momento, a autora relata que os aprendizes dessa nova língua são frequentemente expostos a sons que nunca haviam pronunciado, cuja aprendizagem, em alguns casos, se torna árduo. Diante de situações como essa, ela afirma que os estudantes acabam produzindo os sons da língua do outro de maneira semelhante aos de sua língua materna, o que representa uma tentativa de o sujeito sentir-se em um lugar de aconchego. Como sugere a autora, isso pode ser interpretado como uma forma de o sujeito se proteger da “transgressão” causada pela língua do outro.

Essa violação simbólica também é vivenciada pelo sujeito quando ele se depara com as diferenças de significação na língua estrangeira. Trata-se do fato de que em diferentes línguas a construção da realidade feita pelo sujeito se dá de forma diversa, atribuindo, portanto, significações distintas a determinados elementos linguísticos. Conforme declara Revuz (1998), isso ocorre porque o recorte do real na língua estrangeira não é o mesmo recorte que aquele feito na língua materna. A autora enfatiza que além de haver esse “deslocamento” do real, há ainda uma perda na carga afetiva das significações em língua estrangeira (p. 223).

A partir desses apontamentos, a pesquisadora conclui que a forma como vemos o mundo não é a única existente, apesar de muitas vezes nos atermos a essa ilusão, da

qual o sujeito parece se desprender ao aprender a língua do outro, pois, como ela afirma, “aprender uma língua é sempre, um pouco, tornar-se um outro” (p. 227).

De acordo com Revuz (1998), fenômenos como os mencionados anteriormente geralmente causam repulsa no sujeito aprendiz e podem provocar um afastamento entre sujeito e língua, gerando uma certa resistência na aprendizagem. Por outro lado, a autora também aponta a existência de aprendizes para quem a aprendizagem de uma segunda língua se dá de forma prazerosa. Para ela, tal como para Coracini (2007), esses últimos são sujeitos desejanter, atravessados pelo desejo de ser outro, de falar a língua do outro, de pertencer a um outro lugar, mesmo diante do risco de se exilar de sua própria comunidade.

Quer o sujeito esteja diante de um mal-estar ou de um prazer, a experiência de aprender uma outra língua e todo o aparato cultural ao qual se é exposto é sempre um gatilho para uma possível crise identitária, pois, por um lado, o desconforto causado pelo estrangeiro pode gerar medo de perder a própria identidade, e, por outro, “o desejo de um outro lugar” também pode provocar uma sensação de “exílio”.

Essas questões também são abordadas por Gasparini (2010) no artigo “Como a língua materna afeta o sujeito na aprendizagem de línguas estrangeiras?”. Nesse trabalho, a autora trata das relações estabelecidas entre sujeito e língua materna e de suas implicações para a aprendizagem de línguas estrangeiras.

Levando em consideração a noção de sujeito como um ser atravessado pelo inconsciente e a afirmação de que esse último se estrutura como uma linguagem (cf. Lacan, 1985), a pesquisadora relata que existem marcas da língua materna na constituição dos sujeitos que influenciam as relações mantidas ou não por eles com as línguas estrangeiras que aprendem no decorrer de sua vida. Como aponta Gasparini (2010), a existência dessas marcas está atrelada ao fato de a língua materna ser a primeira língua a inserir o sujeito no campo simbólico, língua essa que é “carregada de predicados e afetos” (p. 4).

Passemos, portanto, à observação de como essas marcas podem atuar no sujeito. De acordo com a autora, duas situações podem ser verificadas. A primeira delas ocorre quando a língua materna adquire um caráter especial para o sujeito, uma condição afetiva ligada a um sentimento de segurança para se expressar nessa língua. Nesse contexto, a língua representa um lugar de conforto para o sujeito, que se vê livre e capaz de dizer e se dizer por meio dela. “[...] Ela simboliza para ele um porto seguro de termos, expressões, sentidos e afetos a ela circunscritos, e oferece ao sujeito a ilusão de poder falar tudo sobre seu desejo, com autoridade, em primeira pessoa.” (Gasparini, 2010, p. 6). Trata-se, como a pesquisadora sustenta, de uma ilusão de completude. Em casos como esse, o sujeito geralmente apresenta uma certa dificuldade de “se afastar” de sua língua materna, que pode ser interpretada, segundo a autora, como uma “luta para evitar” esse distanciamento (p. 8).

Por outro lado, há também circunstâncias em que o sujeito não tem esse vínculo com a língua materna. Nesse cenário, expressar-se nessa língua configura um certo desconforto para o sujeito, que se sente impedido de falar livremente sobre seus desejos por meio dela. Portanto, ele não pode assumir a posição de “senhor de seu dizer” na própria língua (p. 7). Para Gasparini (2010):

A possibilidade de falar idiomas diversos do seu parece prometer a esse sujeito a completude imaginária que lhe foi negada por sua língua infantil. Para ele há uma necessidade de distanciar-se da língua materna para que se abram as possibilidades de ele encontrar o lugar de sua expressão e as suas verdadeiras significações. Cada um dos novos idiomas que se propõe a aprender surge como uma nova promessa de falar de seu desejo, impor-se enquanto sujeito que não encontrou espaço para sua expressividade no idioma de sua mãe, pois seus discursos na língua materna não puderam afirmar sua liberdade subjetiva (Gasparini, 2010, p. 7).

Tendo em vista a problemática apresentada, tencionamos verificar por meio dos discursos de sujeitos perpassados por línguas outras, casos em que a afetividade, geralmente atribuída à língua materna, é deslocada para a língua estrangeira,

revelando a busca dos sujeitos pela completude e pela “promessa” da expressão de seus desejos na língua do outro (p. 7).

Essas relações estabelecidas entre sujeito e língua sempre se dão por meio do discurso, uma vez que ambos, língua e discurso, são conceitos indissociáveis. Para tratar de questões relativas ao discurso, tomamos por base o trabalho “Discurso, Desconstrução e Psicanálise no campo da Linguística Aplicada: (du)elos e (des)caminhos”, de Da Rosa, Rondelli e Peixoto (2015). Nesse artigo, as autoras articulam os pensamentos de Foucault, Derrida e Lacan sobre noções de linguagem, subjetividade e discurso.

No que se refere à noção de discurso, as pesquisadoras buscam verificar como a binaridade presença-consciência é colocada à prova pela concepção discursiva desses três pensadores. O primeiro teórico sobre o qual se debruçam é o psicanalista Jacques Lacan. Para as autoras, Lacan (1992; 1998) promove uma ruptura desse binarismo ao tratar do ato falho como produção do “[...] equívoco daquele (e naquele) que enuncia e/ou que entende [...]” (2015, p. 262). Assim, conforme elas afirmam, discurso é, para o psicanalista, aquilo que “antecede e excede” o dizer, “o que se silencia” e “o que se repete nos sintomas” (2015, p. 263).

O segundo teórico trazido pelas pesquisadoras é o historiador Michel Foucault. Como afirmam, Foucault (2001; 2009) compreende o discurso como “modos de coerção” marcados por jogos de força (2015, p. 263). Além disso, segundo as autoras, o discurso, para o historiador, é constituído por “descontinuidade”, “desordem” e “desencadeamento”, apontando para a ausência de um eu (2015, p. 264).

O último pensador apresentado pelas autoras é o filósofo Jacques Derrida. Ao questionar os conceitos de presença e consciência, Derrida (1991; 2001) propõe pensar o discurso não como presença de únicos sentidos possíveis, mas enquanto efeito da *différance*, isto é, como um eterno adiamento de sentidos que se dá espacial e temporariamente.

Com base nessas considerações, as autoras sustentam que o conceito de discurso desenvolvido pelos três pensadores desloca a primazia da presença e o ideal cartesiano de sujeito racional. Portanto, é preciso pensar o discurso, segundo Foucault (2009, p. 61), como uma “dispersão do sujeito” e uma “descontinuidade” em relação a si, “[...], o que remonta à reflexão derridiana sobre o termo ‘feixe’, bem como à reformulação lacaniana ‘sou onde não existo’, por meio das quais é possível visualizar essa divisão, essa descontinuidade do sujeito. [...]” (Da Rosa; Rondelli; Peixoto, 2015, p. 267).

A partir dos trabalhos apresentados anteriormente, propomos verificar possíveis elementos da língua materna que ecoam na língua estrangeira: rastros da ordem do consciente ou do inconsciente que fazem com que o sujeito aprendiz de línguas outras se identifique ou não com elas. Para tanto, faremos, na sequência, um breve esboço do contexto ao qual este trabalho se refere e da metodologia aplicada.

3 Metodologia

Para tratar das questões elencadas até o momento, utilizamos parte de um *corpus* elaborado com base nas respostas de questionários aplicados a ex-alunos do então² curso de Bacharelado em Letras com Habilitação de Tradutor, da Unesp, campus de São José do Rio Preto, durante pesquisa³ concluída recentemente. Neste artigo, colocamos em pauta uma⁴ das perguntas inseridas nesse questionário: a que

² Recentemente, houve uma mudança na nomenclatura do curso, que passou a ser denominado “Bacharelado em Letras – Tradução” em função da extensão do nome anterior, da necessidade de a nova designação refletir o nome da profissão e não do profissional, e de o nome antigo fazer referência apenas ao profissional do gênero masculino. (Informação retirada do Projeto Político-Pedagógico vigente a partir de 2023).

³ O projeto relacionado à referida pesquisa e o TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido) foram submetidos e aprovados pelo Comitê de Ética em Pesquisa. Número do processo: 99305518.0.0000.5466. Comitê de Ética: 5466 – Unesp – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas/Campus de São José do Rio Preto/Ibilce.

⁴ As demais perguntas que compõem esse questionário se referem ao motivo pelo qual os discentes optaram pelo curso de Tradução (Bacharelado) em vez do curso de Letras (Licenciatura); à maneira

diz respeito à língua estrangeira – do par linguístico estudado pelos discentes – com a qual eles mais se identificam e os motivos dessa identificação.

Este trabalho pode ser classificado como abduutivo⁵ e está apoiado no paradigma indiciário, proposto pelo historiador Carlo Ginzburg (1980), que leva em consideração a existência de rastros, traços e vestígios a serem desvendados no percurso da investigação. Para explicar como as análises são formuladas sob esse paradigma, a autora Márcia B. F. Rodrigues (2005) se vale de uma metáfora descrita por Ginzburg (1989) na qual ele compara o trabalho do pesquisador ao de um tecelão:

[...] Definido o campo onde se realiza a investigação [o território], o pesquisador/tecelão busca os indícios de um padrão que [re]une as informações em uma interpretação que encontra seu significado no contexto teórico sustentado pela urdidura dos fios. A consistência da teia, revelada no trabalho do pesquisador [tecelão], é verificável ‘percorrendo-se o tapete com os olhos em várias direções’ (Ginzburg, 1989:170). O tapete seria o paradigma que, a cada vez que é usado e conforme o contexto, se denomina venatório, divinatório, indiciário ou semiótico (Rodrigues, 2005, p. 216).

Antes de passarmos para as análises, faremos uma breve apresentação do curso mencionado anteriormente a partir de seu Projeto Pedagógico⁶. O curso de Bacharelado em Letras com Habilitação de Tradutor, da Unesp, campus de São José do Rio Preto, é reconhecido pela Portaria MEC n.º. 77, de 18/02/1983 e pela Portaria CEE-GP n.º. 429, de 11/11/2002. Após várias mudanças feitas em sua proposta curricular, foi aprovada a Resolução Unesp n.º 33, de 18/03/2005, por meio da qual se instituíram algumas modificações na estrutura do curso. O curso é integral e anual,

como as línguas por eles estudadas estão presentes em seu dia a dia e a relação entre o uso que eles fazem delas e a tradução; e a como eles definem o que é ser tradutor.

⁵ De acordo com Chauí (2000, p. 83), o raciocínio abduutivo é um tipo de intuição, “[...] mas que não se dá de uma só vez, indo passo a passo para chegar a uma conclusão”. Retomando Pierce, a autora afirma que um exemplo de abdução é o trabalho de detetives em contos policiais, que coletam indícios e formam uma teoria com base no raciocínio de tais elementos.

⁶ Os dados apresentados aqui se referem ao Projeto Pedagógico em curso de 2005 a 2022. Atualmente, o curso passou por uma nova reforma, reestruturando seu Projeto Pedagógico. No entanto, optamos por manter as informações antigas, pois a pesquisa à qual este trabalho se vincula foi concluída em 2021.

tem duração mínima de quatro anos, e oferta 32 vagas para quem presta o vestibular da Unesp. Segundo informações contidas no Projeto Pedagógico disponibilizado no site da universidade, o curso tem por objetivo formar profissionais que possam atuar nas áreas de tradução e versão de textos técnicos, científicos, literários e comerciais.

Nesse contexto, os discentes têm a oportunidade de aprender duas línguas estrangeiras: uma Língua A, o inglês ou o francês, e uma Língua B, o espanhol ou o italiano. A escolha pelo par linguístico a ser estudado depende primeiramente da classificação dos estudantes no vestibular. Portanto, os alunos mais bem classificados têm vantagem no momento dessa decisão.

A partir dessas informações, faremos, na sequência, uma análise qualitativa de parte das respostas⁷ à questão citada anteriormente, tendo como metodologia investigativa uma abordagem discursivo-desconstrutivista, segundo a qual os elementos linguísticos utilizados pelos ex-alunos são considerados parte de sua subjetividade. Para tanto, tomaremos por base o trabalho “A perspectiva discursivo-desconstrutiva na pesquisa em Linguística Aplicada”, de Coracini (2019).

Nesse texto, a autora propõe um fazer científico mais filosófico, enfatizando o tratamento de questões voltadas para o discurso, para o caráter desconstrutivista da língua(gem) e para a concepção psicanalítica de sujeito. Para tanto, a pesquisadora traz à baila três teóricos que se debruçaram sobre os conceitos elencados acima: Foucault, Derrida e Lacan.

De acordo com Coracini (2019), as pesquisas desenvolvidas sob essa abordagem se apoiam nas noções de discurso, formação discursiva, relações de poder, e no tratamento a respeito do conceito de verdade, questões propostas pela filosofia foucaultiana. Além disso, tais estudos também são pautados pelo pensamento derridiano da desconstrução, que se opõe aos ideais binários do logocentrismo e à concepção de sujeito racional. Por fim, os trabalhos que seguem tal proposta são

⁷ Vale ressaltar que foi conservada a ortografia apresentada nas respostas dos questionários.

tomados também sob um viés laciano, compreendendo o sujeito como um ser atravessado pelo inconsciente, e a linguagem, como o espaço do equívoco.

Essas questões nos remetem à impossibilidade de o pesquisador se afastar de seus dados na tentativa de evitar comprometê-los, uma vez que ao interpretar, inserimos, ainda que inconscientemente, nossa subjetividade no texto. Vale sublinhar, conforme lembra a autora, que tais dados não preexistem à pesquisa, mas são construídos por meio de uma leitura aprofundada e mediante sua interpretação:

[...] nada é dado numa pesquisa, tudo é arrancado, produzido, trabalhado pelo e no processo de interpretação: os resultados são sempre frutos do olhar perspicaz e trabalhador – que vê o que os olhos não veem, que lê o que não se encontra na superfície – e de ouvidos que se abrem ao que (não) se diz ou ao que se diz sem dizer (Coracini, 2019, p. 100).

Dessa forma, ao tratar da elaboração das análises na perspectiva discursivo-desconstrutivista, a pesquisadora conclui que é preciso ir muito além do que está na superfície do texto, é necessário problematizar os dados, duvidar das palavras e de seus sentidos na tentativa de descobrir, isto é, revelar, “desfazer o pano” (cf. Derrida, 2005) que encobre o que está abrigado nas formações do inconsciente.

Com base na fundamentação teórica elencada previamente, na metodologia proposta aqui e no *corpus* selecionado, apresentaremos, na sequência, a análise dos dados obtidos.

4 Resultados

Propomos, nesta etapa, uma análise qualitativa de parte das respostas à pergunta “Com qual língua, do par linguístico que você estuda, você mais se identifica? Por quê? Quais são suas impressões com relação à cultura veiculada por essa língua?”. A partir dessa questão, refletiremos acerca de uma possível influência exercida pela língua materna na identificação de sujeitos com uma língua estrangeira.

Para tanto, examinaremos quais elementos subjetivos podem estar atrelados à tal influência e quais identidades são atribuídas às línguas/culturas a partir de seus discursos.

A fim de facilitar o manuseio do *corpus*, foram enumerados os questionários de S1 (sujeito número 1) a S97 (sujeito número 97), e, conforme já mencionado, escolhemos apenas alguns excertos dentre as 97 respostas obtidas.

Cabe esclarecer que em nenhum momento os alunos se identificaram nos questionários, garantindo-se assim o anonimato de todos os envolvidos neste trabalho. Os fragmentos que seguem visam, então, demonstrar que rastros da língua materna subsistem na língua estrangeira, levando à identificação dos sujeitos com a língua do outro. Esses rastros se relacionam com três principais questões: a descendência, a proximidade/familiaridade e a afetividade.

4.1 A questão da descendência

Dentre os excertos analisados⁸ neste trabalho, alguns fazem referência à questão da descendência como um elemento que determina a identificação dos sujeitos com uma das línguas que estuda. É o caso dos fragmentos que apresentaremos a seguir.

Fragmento 1

[...] me identifico mais com a língua italiana, por conta da minha descendência.

É a cultura dos meus antepassados, me sinto voltando às raízes, e, para mim, é um idioma alegre, forte como os próprios italianos. (S3)

Ao tratar do fator descendência como a razão principal que levou S3 a se identificar mais com a língua italiana do que com a língua francesa, o sujeito demonstra um certo parentesco e uma ligação emocional com os italianos, revelando

⁸ Utilizamos o dicionário online Caldas Aulete e o dicionário online Michaelis como auxílio para elaborar as análises.

uma possível crença no pertencimento a essa cultura. Portanto, o aluno parece reforçar uma falsa percepção de que identidade e pertencimento são sinônimos, levando-nos à conclusão de que para ele o pertencimento à cultura italiana constitui a sua identidade (Cf. Bauman, 2005). Além disso, implicitamente, seu discurso nos faz pensar na familiaridade que o sujeito deseja alcançar com tal língua e na possibilidade do poder se dizer por meio dela (cf. Coracini, 2007).

Outra questão verificada em seu relato é a comparação estabelecida entre a língua italiana e possíveis identidades atribuídas a esse povo. Ao defini-los como “alegres” e “fortes”, S3 propaga alguns estereótipos que circulam sobre os italianos, uma vez que ele adota uma visão generalizada sobre o que é ser italiano. Tais características denotam expansividade, vigor, afeto, calor, intensidade: qualidades que, de modo geral, remetem à nossa própria cultura e fazem com que a cultura e a língua italianas sejam, de certa forma, familiares ao sujeito, suscitando sua identificação com tal língua.

Fragmento 2

Me identifico mais com o italiano, pois já tive descendentes italianos [...] As impressões culturais que tenho é que os italianos são bem receptivos e acolhedores e, às vezes, é possível notar isso por algumas expressões. Também acredito que seja um povo igualmente feliz [...]. E isso pode ser visto na forma de falar, sempre alta e bem expressiva. (S46)

De maneira análoga, S46 também aborda a questão da descendência. Similarmente ao discurso anterior, o sujeito faz referência a alguns estereótipos do povo italiano que perpassam seu imaginário. Em seu relato, ele descreve os italianos como receptivos, acolhedores e felizes: características que compõem suas crenças acerca daquele povo.

Destaca-se, em sua narrativa, uma aproximação entre o povo italiano e o povo brasileiro, ao sugerir que, tal como eles, nós também somos felizes. Essa percepção se

dá pelo uso do advérbio “igualmente” em “Também acredito que seja um povo igualmente feliz [...]”.

Dessa forma, vale apontar o uso de vocábulos que atribuem qualidades ao povo italiano próximas daquelas geralmente conferidas ao povo brasileiro. Tais atributos se referem ao caráter de acolhedores, compreensivos, hospitaleiros, alegres, positivos, como se nota nos adjetivos utilizados. Estabelece-se, assim, por meio do discurso, certa proximidade cultural e familiaridade entre tais povos, ponto que será mais bem enfatizado no tópico seguinte.

Fragmento 3

Eu me identifico mais com a língua italiana, pela sua sonoridade, fonética e léxico.

Com relação à cultura eu me identifico bastante com e vejo muita semelhança com a cultura em que cresci inserida.

Por ser descendente de italianos e com família que se estabeleceu na cidade de São Paulo, a língua italiana bem como seus hábitos, costumes, vivência são mais próximos da minha realidade e tem (sic) mais “jeito de casa”. (S18)

Já S18, no que concerne à questão da descendência, traz em seu discurso um elemento novo para justificar sua identificação: a proximidade linguística entre o italiano e sua língua materna, identificada pelo sujeito graças a uma semelhança fonética e lexical entre ambas. A aluna também revela uma proximidade cultural entre os povos, reiterando, assim, a aproximação com o que é materno, com aquilo que é familiar.

Ademais, destaca-se, ao término de seu relato, a seguinte passagem: “a língua italiana bem como seus hábitos, costumes, vivência são mais próximos da minha realidade e tem (sic) mais ‘jeito de casa’”. Nesse trecho, a expressão “jeito de casa” indica que S18 se sente “em casa” mesmo na língua estrangeira, o que mais uma vez evidencia a questão do poder se expressar por meio da língua do outro, que, neste caso, é considerada pela discente mais como materna do que estrangeira.

Fragmento 4:

[...]

Gosto muito da cultura italiana, me identifico por ser de família italiana, é uma cultura muito rica, aberta e acolhedora. (S76)

Outro sujeito que também faz referência à questão da descendência em seu discurso é S76. Além desse argumento, ele trata de um certo afeto que desenvolveu pela cultura italiana, que, para o aluno, é valiosa, hospitaleira e aberta. Vale destacar o significado que o vocábulo “aberta” pode assumir nesse contexto. “Aberto” pode se referir a tudo o que se tem acesso sem impedimento, bem como a algo que é receptivo, e a alguém que é “fácil no trato”. Essas acepções podem indicar, de forma implícita, que a cultura e o povo italiano são mais “acessíveis” – no sentido denotado anteriormente – em relação a outras culturas e outros povos.

Ainda nesse excerto, o uso do verbo “gostar” pode se relacionar a um sentimento de bem-estar, o que confirmaria o argumento de Coracini (2007) segundo o qual na língua estrangeira também é possível se fazer lar, lugar de repouso e de acolhida para o sujeito. “Gostar” também remete ao ato de apreciar um sabor, provar, experimentar, o que coloca a língua na esfera dos prazeres degustativos, que podem ser desfrutados pelo paladar, pela “prova saborosa do estrangeiro”.

Neste tópico, ao analisar os questionários que compõem nosso *corpus*, foi possível perceber que a questão da descendência é um elemento apontado apenas por alunos que estudam a língua italiana, o que se pode justificar pela vasta quantidade de italianos que imigraram para o Brasil. Segundo dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), no período entre 1870 e 1920, 42% dos povos que adentraram o país eram italianos. Dentre as cidades nas quais eles se instalaram, destaca-se São Paulo, que, devido ao número recorde de italianos recebidos, passou a ser chamada de “cidade italiana”.

Um outro ponto verificado nos discursos se refere à questão do pertencimento. Ao relatarem sua crença em pertencer ao povo italiano e à sua cultura, os sujeitos

atribuem uma característica positiva a eles. Portanto, pode-se dizer que tal pertencimento está relacionado ao desejo de se preservar a memória idealizada de uma origem essencialmente boa e feliz, ignorando praticamente todo o passado migratório.

Na sequência, observaremos com qual(is) língua(s) os sujeitos mais se identificam quando se trata de proximidade e familiaridade.

4.2 A questão da proximidade e da familiaridade

Além do fator descendência, existem certos elementos linguístico-culturais, como também político-econômicos, que parecem contribuir para a identificação dos sujeitos com uma das línguas estudadas. Tais elementos fazem referência, em alguns casos, a uma proximidade com a língua materna, que pode ser de ordem linguística, cultural ou geográfica, indicando certa familiaridade entre a língua materna e a língua do outro. Também foi possível observar que, em determinadas situações, o contato constante é o que justifica a maior identificação dos sujeitos com uma língua em detrimento da outra. Essas questões serão verificadas nos fragmentos que seguem.

Fragmento 5

Eu reconheço muitos dados culturais angloamericanos (sic) por ter tido um contato constante com o inglês desde a infância.

Mesmo assim, não me identifico com a língua. Apenas sou bem familiarizada. Eu aprecio a cultura dos países anglófonos (e reconheço os defeitos) sem esquecer da minha própria.

Eu não sei quase nada da cultura italiana, mas me sinto um pouco confortável com a forma como se expressam. Me lembra mais da minha própria, em português. (S75)

Primeiramente, cabe destacar o paradoxo existente entre as relações estabelecidas com as línguas estudadas – inglês e italiano – e a identificação do sujeito com essas línguas. Apesar de ter tido “um contato constante com o inglês desde a infância”, motivo que parece ser suficiente para que a grande maioria dos alunos que

estudam inglês como primeira língua se identifique mais com ela do que com a segunda língua⁹, a aluna argumenta em favor de sua não identificação.

Ao longo de seu discurso, notamos diversas contradições que nos levaram a vários questionamentos relacionados à questão da familiaridade x não identificação. Ora, é possível ter familiaridade com uma língua e ao mesmo tempo não se identificar com ela? Pode-se dizer que sim, pois conforme afirma Coracini (2007), há casos em que a língua materna, apesar de ser familiar ao sujeito, pode causar estranheza e distanciamento. Outra contradição verificada em sua resposta diz respeito ao fato de a estudante não saber quase nada da cultura italiana, e mesmo assim se identificar com ela. Esse trecho sugere que a proximidade linguístico-cultural entre “nós” e “eles” traz certo gozo e liberdade de expressão ao sujeito.

Ainda nesse relato, uma outra questão pode ser sublinhada. Ao afirmar “Eu aprecio a cultura dos países anglófonos (e conheço os defeitos) sem esquecer da minha própria”, S75 demonstra sua estima pela cultura dos países anglófonos, porém sem superestimá-la; pelo contrário, a aluna parece manifestar uma certa resistência contra o poder hegemônico que tais culturas exercem sobre a cultura brasileira. Portanto, apesar de evidenciar seu prazer por essas culturas, a discente revela um posicionamento nacionalista ao defender a sua própria, pois ela demonstra não “apagá-la” em favor da cultura do outro.

Fragmento 6

[...] eu sinto mais proximidade cultural com o idioma italiano. Pela expressão, tom, lógica de pensamento na formulação de orações, eu encontro maior relação entre a minha variante de língua (meu traço cultural pessoal) e o italiano: sons mais abertos, construções gramaticais mais simples e herança linguística próxima ao latim. [...] é uma cultura que encontra maneiras de permanecer tradicional e sofisticada sem perder o traço popular na maneira de falar. A questão do apego às artes e história na cultura italiana é algo que admiro bastante [...]. Para mim, italiano é arte,

⁹ Esse dado se baseia na análise elaborada em pesquisa concluída recentemente.

história, expressão e, mesmo assim, uma comunicação simples e familiar.
(S77)

No argumento de S77, é possível notar que o ponto mais significativo de seu discurso é a questão da proximidade cultural. Graças a essa proximidade, o sujeito se identifica mais com a língua italiana do que com a francesa, pois nela ele se sente “em casa”, como se o italiano se aproximasse de sua “variante” do português de tal forma que o aluno encontrasse nela a língua do gozo, do poder dizer e se expressar, como apontado por Coracini (2007).

Além disso, verificamos que o sujeito se identifica com a língua italiana devido a traços culturais, como o apego do povo italiano por sua arte e história. Embora o discente atribua à essa cultura uma identidade complexa, para ele, o italiano, diferentemente do francês, é falado de maneira “simples e familiar”, trazendo ao discurso, mais uma vez, a questão da aproximação com a cultura brasileira e um certo distanciamento para com a língua e cultura francesas. Outra questão observada em sua narrativa é uma aparente afeição pela cultura italiana, ponto que será abordado no tópico seguinte.

Fragmento 7

[...] Eu entrei no curso para estudar inglês, mas desde o primeiro ano acabei me identificando mais com o espanhol, o principal fator pode ser a proximidade cultural, especialmente com os países (sic) latinos, que se reflete no léxico e na gramática.

Creio que existam muitos fatores culturais comuns, especialmente entre o Brasil e os países (sic) latinoamericanos (sic) que causam esta identificação, como o calor, a solidariedade, a alegria, a musicalidade.

[...] (S44)

Logo no início desse excerto, S44 relata uma quebra de expectativa com relação à sua identificação por uma das línguas que estuda. Conforme afirma o sujeito, ao entrar no curso, ele esperava se identificar com a língua inglesa, língua que ele tinha

desejo de estudar, porém acabou estabelecendo um vínculo maior com a segunda língua: o espanhol. Dentre os argumentos que sustentam esse elo evidenciado pelo aluno está a proximidade cultural entre os países latinos e o Brasil, que, de acordo com ele, se reflete na materialidade da língua, indicando certa proximidade linguística. Nesse ponto, o argumento de S44 se assemelha ao de S46 (apresentado anteriormente).

Com relação aos fatores culturais apontados pelo sujeito, o “calor” e a “musicalidade” são elementos que estão presentes de forma geral na cultura latino-americana; já a questão da “alegria”, e, principalmente, da “solidariedade”, podem ser interpretadas como estereótipos do povo latino-americano, qualidades que nem sempre são passíveis de serem comprovadas, principalmente quando levamos em consideração questões xenofóbicas e rivalidades estabelecidas entre esses povos. Apesar disso, seu discurso aborda esses traços culturais como aspectos que são compartilhados entre esses países, configurando uma certa familiaridade entre latino-americanos e brasileiros.

Fragmento 8

[...]

Vejo a cultura hispanohablante como muito rica e diversificada. Os diversos países produzem bens materiais e culturais fascinantes. Os povos se mostram alegres e prestativos, com muita história pra (sic) contar. Acredito que a proximidade com muitos países cause um sentimento de pertencimento coletivo: somos todos latinos. (S69)

Nesse trecho, é possível afirmar que a proximidade cultural e geográfica são os principais aspectos que proporcionaram a identificação do sujeito com a língua espanhola. Ao tratar da cultura *hispanohablante* como valiosa, e “diversificada”, o sujeito revela uma certa afeição que parece ter desenvolvido por ela. S69 descreve, ainda, os povos dessas culturas como “alegres” e “prestativos”, o que pode demonstrar uma visão estereotipada: a de que todos os *hispanohablantes* são contentes, expansivos, comunicativos, solícitos, o que não pode ser comprovado.

Além disso, o aluno trata da questão da proximidade geográfica como um fator que, para ele, causa um sentimento geral de pertencimento aos países *hispanohablantes*. Portanto, seu discurso confirma os dizeres de Bauman segundo os quais “[...] a ideia de ‘ter uma identidade’ não vai ocorrer às pessoas enquanto o ‘pertencimento’ continuar sendo o seu destino, uma condição sem alternativa [...]” (2005, p. 17-18).

Ademais, de forma implícita, o sujeito colabora para cristalizar a perspectiva de que a identidade é fixa, estável, e que não sofre transformações no decorrer do tempo, pois ao dizer “somos todos latinos”, o discente equipara povos heterogêneos. Dessa forma, ele deixa transparecer, por meio da crença nesse sentimento de pertencimento, que o povo latino-americano tem uma única identidade, parecendo, assim, não haver conflitos identitários entre esses povos.

Fragmento 9

Acho que não me identifico com um (sic) das línguas mais que a outra. Porém, talvez o francês me desperte mais interesse devido ao distanciamento em relação ao português tanto em aspectos lexicais como aspectos sintáticos. Por outro lado, a proximidade do espanhol também chama minha atenção devido ao grande perigo de incorrer em erro. (S31)

Nesse fragmento, S31 afirma se identificar com ambas as línguas que estuda – o francês e o espanhol – apesar de elas parecerem muito distintas a seu ver, dado o uso do paradoxo distanciamento x proximidade para fazer menção a elas.

Na tentativa de justificar o motivo que o leva a se identificar com a língua francesa, o aluno trata de um “interesse”, isto é, do que chama a sua atenção nessa língua e que a torna seu objeto de desejo: o distanciamento. Nesse contexto, a língua francesa parece assumir a forma do outro, do diferente, do estrangeiro, daquilo que é desejado pelo sujeito.

Em contrapartida, para esclarecer sua identificação com a língua espanhola, S31 trata da questão da proximidade. Entretanto, contrariamente ao que temos visto até aqui, tal proximidade não coloca o sujeito em uma posição de gozo e liberdade de

expressão, mas desperta no aluno um certo medo, que decorre de um “grande perigo” que essa língua apresenta: o risco de “incorrer em erro”. Tal risco pode estar atrelado a um certo emaranhado que une as línguas portuguesa e espanhola, e que coloca o sujeito em uma posição de quem não sabe afirmar onde uma língua começa e onde a outra termina.

Fragmento 10

Me identifico mais com o francês, porque sinto que tenho mais afinidade com a língua, que me esforço mais para aprendê-la. [...] (S43)

No discurso de S43, diversos pontos podem ser observados. Em um primeiro momento, verificamos que apesar de o sujeito estudar o espanhol como segunda língua – o que poderia justificar sua identificação com esse idioma, dada a aparente proximidade entre as culturas –, o aluno declara se identificar mais com o francês. Na tentativa de explicar as razões de sua identificação, ele trata de uma “afinidade” a mais que acredita ter com a língua francesa. “Afinidade” quer dizer semelhança ou conformidade de gostos, sentimentos, pontos de vista entre coisas diferentes, vínculo de parentesco, o que significa que o discente reconhece uma certa familiaridade da cultura francesa. De forma paradoxal, ao afirmar “me esforço mais para aprendê-la”, o aluno parece evocar uma estranheira e, implicitamente, dificuldade da língua francesa em comparação com uma possível “facilidade”, a seu ver, da língua espanhola.

Ainda nesse fragmento, também é possível considerar, pelo caráter heterogêneo do discurso, que o sujeito gosta mais da língua francesa do que da língua espanhola – dado seu maior esforço em aprendê-la – o que sugere uma maior afetividade pelo francês.

Fragmento 11

Eu me identifico mais com a língua inglesa porque tenho um contato muito mais longo com ela do que a italiana (que só comecei a estudar em 2014). Esse contato, desde os 2 anos, é por causa do predomínio americano sobre tudo que eu consumia. Me sinto quase tão familiarizada com a cultura americana tanto quanto a brasileira, mas ainda acho eles uns loucos. (S52)

Diferentemente dos relatos apresentados neste tópico, S52 afirma se identificar com uma língua cuja origem se distancia de sua língua materna. Em sua justificativa, a aluna diz ter um contato muito maior com o inglês do que com o italiano, razão principal pela qual ela se identifica com tal língua. Vale observar que o vocábulo “contato”, figurativamente, refere-se a relações de frequência, proximidade ou influência. Essa relação é comprovada no discurso quando o sujeito afirma manter contato com a língua inglesa desde seus dois anos de idade. Logo, desde muito pequena, a discente é influenciada pelo inglês, o que gera essa proximidade com tal língua e reafirma a influência do inglês e da cultura norte-americana sobre nossa língua e cultura, principalmente ao tratar do “predomínio” americano sobre tudo o que consumia. Essas questões estão atreladas à hegemonia cultural estadunidense, um dos principais fatores que causam a identificação de muitas pessoas com a língua inglesa.

É graças ao contato precoce e ao predomínio da língua inglesa sobre os produtos consumidos pela aluna que ela compara a cultura norte-americana à brasileira, qualificando aquela como “quase” tão familiar quanto a sua. Nesse trecho, o uso do advérbio “quase” e o sintagma “mas ainda acho eles uns loucos” revela algo de estranho nessa familiaridade, algo da ordem do outro, do estrangeiro, daquilo que é diferente e que apesar de familiar, ainda causa certa estranheza no sujeito (cf. Freud, 1919/2021). Além disso, ao classificar os norte-americanos como “uns loucos”, é possível depreender que, para a discente, aquele povo de alguma forma destoa de sua realidade, pois, nesse contexto, o “louco” é aquele que perturba a familiaridade e um certo *status quo* da cultura e da língua materna.

Fragmento 12

Creio que me identifico mais com o inglês. [...] dentre as duas línguas estrangeiras que estudo, é a que (sic) possuo um maior contato e por muito mais tempo. [...] Creio que de maneira geral, devido ao domínio da língua inglesa no mundo inteiro, a maior parte da cultura ocidental se assimila com a norte-americana, apesar de que nem sempre nos damos conta disso. (S50)

O discurso relatado por S50 se assemelha ao anterior com relação à questão do contato – referente a uma certa proximidade causada pela língua estrangeira –, e à problemática da hegemonia norte-americana evidenciada pelo sujeito. Ao declarar “devido ao domínio da língua inglesa no mundo inteiro, a maior parte da cultura ocidental se assimila com a norte-americana, apesar de que nem sempre nos damos conta disso”, o aluno reforça o “risco do exílio” ao qual estamos expostos (cf. Revuz, 1998), resultado do predomínio de uma certa cultura e “monolíngua” do outro sobre as demais. Ainda nesse fragmento, vale frisar os possíveis significados que o vocábulo “assimilar” pode adquirir no contexto em questão. “Assimilar” quer dizer “incorporar”, “transformar algo em outra coisa”, “absorver”, “tornar-se semelhante a algo”, como se estivéssemos sendo “fagocitados” por essa cultura, que provoca um certo silenciamento em outras, quase que “apagando-as”.

Conforme verificamos neste ponto, seja por proximidade linguística, cultural, geográfica, afinidade ou contato, foi possível notar que o caráter de proximidade e familiaridade pode ser atribuído a diversas línguas, e que isso depende da relação estabelecida entre os sujeitos e a(s) língua(s) que estuda.

4.3 A questão da afetividade

Outra questão que leva os sujeitos a se identificarem com uma língua é o afeto que eles desenvolvem por ela. Apresentaremos, a seguir, alguns fragmentos que fazem referência a essa questão.

Fragmento 13

Me identifico mais com o italiano, porque tenho mais facilidade e gosto do fato de ser uma língua mais “musical”. A cultura italiano (sic) me cativa muito, desde sempre, mas foi após entrar no curso e conhecê-la melhor que passei a me identificar mais ainda. (S21)

Nesse discurso, há três argumentos sustentando a identificação do sujeito com a língua italiana. Em primeiro lugar, a aptidão para aprendê-la; em segundo, a musicalidade da língua italiana, que é saboreada pelo aluno, e que nesse contexto pode sugerir uma certa semelhança sonora com sua língua materna; e, por fim, o caráter cativante dessa cultura. Nesse contexto, “cativar” pode adquirir um sentido figurado, fazendo referência a um vínculo afetivo que o sujeito tem com a cultura do outro. Além disso, esse mesmo vocábulo também pode sugerir que S21 é atraído, seduzido pela cultura italiana, a qual constitui um objeto de gozo. Vale destacar também que esse afeto está presente “desde sempre” e parece aumentar gradativamente conforme aumenta a sua exposição à cultura do povo italiano. Logo, ele parece revelar por meio de seu discurso um “desejo de um outro lugar” (Cf. REVUZ, 1998).

Fragmento 14

Desde criança, gosto muito do Italiano, pela afinidade com a música e por questões pessoais familiares, sempre me interessei por tudo que vem da Itália, e isso não mudou.
[...] (S93)

Nesse excerto, observa-se uma relação afetiva entre sujeito e língua que está presente em sua subjetividade desde a infância. Ao afirmar “gosto muito do Italiano”, o aluno demonstra ter afeto por tal língua, o que o leva a se dedicar com prazer ao seu aprendizado, apreciando e (a)provando-a. Além disso, um elemento a ser evidenciado em seu discurso é a referência à infância. De um ponto de vista psicanalítico, o afeto pela língua do outro constitui um desejo que vem tentar substituir uma falta, falta que

é inaugurada pela função do “Pai” quando ele interdita a relação entre a mãe e a criança (cf. Gasparini, 2010).

Destaca-se nesse contexto o sentido gastronômico que alguns desses verbos podem ter: gostar/degustar, apreciar, (a)provar, o que pode revelar que a língua italiana é saboreada com prazer pelo sujeito no processo de aprendizagem, tal como demonstrado anteriormente. Além disso, o emprego de maiúscula ao se referir à língua também confere um certo destaque dado a ela.

Fragmento 15

Me identifico com o espanhol, pois já o estudei no CEL da minha escola e o “jeito latino” me encanta.

Amo a cultura espanhola pois já tive contato com uma intercambiária mexicana e amei conhecer tudo sobre sua vida e cultura. (S12)

O fato de S12 ter estudado a língua espanhola antes de ingressar na universidade é um dos motivos que ele apresenta como definidor de sua identificação. Entretanto, a questão da afetividade sobressai em seu discurso por meio do uso dos verbos “encantar” e “amar”. Ao afirmar “o ‘jeito latino’ me encanta”, o sujeito faz referência a traços da cultura latino-americana que estão presentes em seu imaginário, características que causam admiração e fascínio no aluno. Tal afeto é reforçado em seu discurso ao afirmar que ama a cultura espanhola, evidenciando seu apreço, profunda afeição e devoção por essa cultura.

Outro ponto a ser destacado aqui é a aparente homogeneização estabelecida pelo sujeito entre as culturas latino-americanas e a cultura espanhola, pois em seu discurso o discente associa a cultura espanhola à mexicana, considerando-as como um todo, sem marcas distintivas, o que revela um preconceito que pode estar ligado a uma falsa representação: a de que essas culturas são todas iguais.

Fragmento 16

[...] o espanhol [...] é uma língua adorável que me encanta desde criança. [...] (S35)

Ao dizer que a língua espanhola é uma língua adorável, S35 comprova sua afeição por essa língua, que, em seu ponto de vista, é digna de adoração, uma vez que ela suscita sentimentos muito agradáveis no sujeito. Vale frisar que o uso do vocábulo “adorável” denota uma certa personificação da língua, pois, geralmente, atribui-se o caráter de “adorável” a pessoas e não a línguas.

Além disso, o fato de ele se encantar com o espanhol desde criança pode apontar para algo da ordem do materno na língua do outro. Essa afirmação parece sugerir, tal como revela Gasparini (2010), que a relação entre sujeito e língua materna é constituída por um certo mal-estar desde a infância. O desconforto causado pela língua da mãe, que barra a plena expressão do sujeito, leva-o a uma busca pelo aprendizado de línguas outras, na tentativa de alcançar seu desejo de completude e de poder autorizar a sua palavra diante de outra língua. Nesse contexto, a língua estrangeira revela o gozo satisfeito no sujeito, gozo que pode estar substituindo a falta da mãe instaurada pela função do Pai, o que pode justificar o fato de o sujeito ter atribuído à língua espanhola a qualidade de “adorável”.

Fragmento 17

Eu me identifico mais com o francês, porque gosto mais da língua francesa que da espanhola. Por ser mais parecido com o português, o espanhol me parece menos interessante. Gosto muito das estruturas e dos sons diferentes do francês. Gosto da cultura francesa, admiro sua importância para o mundo, principalmente sua história. (S87)

A questão da afetividade está muito presente no discurso de S87, e pode ser comprovada pela repetição constante da palavra “gosto” durante seu relato. Além disso, ao afirmar “Por ser mais parecido com o português, o espanhol me parece menos

interessante”, o sujeito revela seu interesse por aquilo que é diferente, enfatizando, de certa forma, a questão da alteridade. Ademais, o uso do verbo “admirar” reforça sua estima, contemplação e apreço pela cultura francesa.

Ainda nesse fragmento, destaca-se o fato de que ao se interessar pelo francês, que aparentemente é mais “distante” de sua língua materna do que a língua espanhola, o sujeito revela uma possível busca por uma língua por meio da qual a sua palavra possa ser autorizada e os seus desejos, expressos livremente. Portanto, seu discurso pode estar evidenciando um certo desconforto que o sujeito sente na própria língua materna (cf. Gasparini, 2010).

Neste tópico, observamos três pontos que guardam certa semelhança entre os relatos apresentados. Primeiramente, é possível afirmar que o processo de identificação pela língua estudada está relacionado com o contato que os sujeitos estabelecem com ela desde a infância. Esse contato pode revelar uma certa sensação de familiaridade nos alunos. Outro elemento perceptível aqui é uma gradação da dimensão afetiva de discurso a discurso, que varia de uma simples “ligação”, ao ato de gostar, amar e até mesmo adorar. Além disso, pode-se estabelecer uma conexão entre os afetos narrados pelos sujeitos pelas línguas estrangeiras com as quais eles mais se identificam e as marcas deixadas pela língua materna em sua constituição enquanto sujeitos aprendizes e falantes de mais de uma língua: marcas que ora evidenciam um certo bem-estar proporcionado pela língua da mãe, ora reforçam um mal-estar que ela provoca nos sujeitos.

5 Considerações finais

Tendo em vista as análises elaboradas anteriormente, pode-se depreender que a língua materna exerce uma certa influência no processo de identificação dos sujeitos com uma língua estrangeira. Como vimos, essa influência se deve a rastros, traços, fissuras da ordem do materno que se manifestam explícita ou implicitamente na língua do outro, provocando nos falantes/aprendizes uma identificação com ela(s). A partir

das análises empreendidas, avistamos na materialidade linguística dos discursos questões referentes à descendência, proximidade linguística, cultural, geográfica, familiaridade e afetividade. Entretanto, para além do olhar nu sobre os discursos, esforçamo-nos em desvendar os elementos que restaram implícitos, isto é, em “desfazer o pano”, conforme pontua Derrida (2005), que encobre o que (sobre)vive no inconsciente dos sujeitos.

Assim, no que se refere às questões retratadas por Bauman (2005), pode-se dizer que parte dos alunos se posiciona a favor do pertencimento como o seu destino, isto é, como o definidor de sua identidade. Além disso, tendo em vista os escritos de Coracini (2007), é possível afirmar que uma parcela dos discentes corrobora a proposição de que, muitas vezes, é na/pela língua estrangeira que o sujeito pode dizer e se dizer. Também observamos que “o desejo de um outro lugar” e o “risco do exílio”, colocados em pauta por Revuz (1998), compõem a discussão dos relatos de parte dos sujeitos elencados neste trabalho. Vale lembrar que algumas narrativas evidenciaram as marcas deixadas pela língua materna na constituição dos sujeitos enquanto aprendizes/falantes de línguas outras: marcas de um “porto-seguro” ou de uma inquietação (cf. Gasparini, 2010, p. 6).

Um último ponto a ser destacado se refere ao fato de que a maioria dos alunos cujos discursos analisamos se identifica mais com o italiano e o espanhol do que com o inglês e o francês. Esse dado pode revelar implicitamente que tanto a língua francesa, apesar da mesma herança linguística que o português, quanto a língua inglesa, não obstante o frequente contato mantido com ela, podem inconscientemente representar para eles um certo “risco de exílio”.

Referências

AULETE, C. **Dicionário online Caldas Aulete**. Rio de Janeiro: Lexikon Editora Digital. Disponível em: <http://www.aulete.com.br/index.php>. Acesso em: 4 fev. 2023.

BARROS, M. de. A língua mãe. *In*: BARROS, M. de. **Poesia completa**. São Paulo: Leya, 2010. p. 475-476.

BAUMAN, Z. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

CHAUÍ, M. A atividade racional. *In*: CHAUÍ, M. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ed. Ática., 2000. p. 77-84.

CORACINI, M. J. **A celebração do outro**: arquivo, memória e identidade – línguas (materna e estrangeira), plurilinguismo e tradução. Campinas/SP: Mercado de Letras, 2007.

CORACINI, M. J. A perspectiva discursivo-desconstrutiva na pesquisa em Linguística Aplicada. *In*: SZUNDY, P. T. C; TILIO, R.; MELO, G. C. V. (org.). **Inovações e Desafios Epistemológicos em Linguística Aplicada**: perspectivas sul-americanas. 1ed. Campinas: Pontes; ALAB, 2019. v. 1. p. 91-114.

DA ROSA, M.; RONDELLI, D. R. R.; PEIXOTO, M. R. B. S. Discurso, Desconstrução e Psicanálise no campo da Linguística Aplicada: (du)elos e (des)caminhos. **DELTA**. Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada, São Paulo, v. 31-especial, p. 253-281, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/delta/a/frQ3jdpCIY7KhftbsgctmnC/?lang=pt>. Acesso em: 24 nov. 2022. DOI <https://doi.org/10.1590/0102-4450419229318658871>

DERRIDA, J. **Margens da filosofia**. Trad. Joaquim Costa e Antonio Magalhaes. Campinas: Papirus, 1991.

DERRIDA, J. **Le monolinguisme de l'autre**. Paris: Gallimard, 1996.

DERRIDA, J. **Posições**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2001.

DERRIDA, J. **A farmácia de Platão**. Trad. Rogério da Costa. São Paulo: Iluminuras, 2005.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. Trad. Laura de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 2001.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Trad. Luiz Felipe Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitaria, 2009.

FREUD, S. **O infamiliar [Das Unheimliche]**. Trad. Ernani Chaves e Pedro Heliodoro Tavares. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

GASPARINI, D. S. R. Como a língua materna afeta o sujeito na aprendizagem de línguas estrangeiras? **Entremeios**: revista de estudos do discurso, Pouso Alegre, v. 1, n. 1, p. 1-10, jul/2010. Disponível em: <http://ojs.univas.edu.br/index.php/revistaentremeios/article/view/23>. Acesso em: 29 nov. 2022.

GINZBURG, C. Signes, traces, pistes: Racines d'un paradigme de l'indice. **Cairn info**, Paris, n. 6, p. 1-31, 1980. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-le-debat-1980-6-page-3.htm>. Acesso em: 29 maio 2023. DOI <https://doi.org/10.3917/deba.006.0003>

GOMES, A. C. Imigrantes italianos: entre a *italianità* e a brasilidade. **INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA**, Rio de Janeiro, 2000. Disponível em: <https://brasil500anos.ibge.gov.br/territorio-brasileiro-e-povoamento/italianos.html#:~:text=Imigrantes%20italianos%3A%20entre%20a%20italianit%C3%A0%20e%20a%20brasilidade&text=%2D%20Outras%20s%C3%A3o%20de%20natureza%20qualitativa,intelectuais%20e%20por%20empres%C3%A1rios%20privados>. Acesso em: 20 fev. 2023.

LACAN, J. **O Seminário, livro 20**: mais, ainda. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

LACAN, J. **O seminário. Livro 17 – o avesso da psicanálise**. Versão brasileira de Ary Roitman. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

LACAN, J. **Escritos**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LYOTARD, J. F. **La condition postmoderne: rapport sur le savoir**. Paris: Les Éditions de Minuit, 1979.

MICHAELIS. **Michaelis Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**. Editora Melhoramentos. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/>. Acesso em: 4 fev. 2023.

REVUZ, C. A língua estrangeira entre o desejo de um outro lugar e o risco do exílio. Trad. Silvana Serrani-Infante. In: SIGNORINI, I. (org.). **Língua(gem) e identidade**: elementos para uma discussão no campo aplicado. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1998. p. 213-230.

RODRIGUES, M. B. F. Razão e sensibilidade: reflexões em torno do paradigma indiciário. **Dimensões**, Vitória, v. 17, p. 213-221, 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/dimensoes/article/download/2431/1927>. Acesso em: 14 ago. 2023.